

O MOTOQUEIRO MISTERIOSO

Autor: Julio Cesar Bianchi Furtado (Julio Fantasma)
<http://www.juliofantasma.com.br>

Autor: Julio Cesar Bianchi Furtado (Julio Fantasma)

Mais Contos: <http://www.juliofantasma.com.br/contos-de-terror/>

Facebook: <http://facebook.com/juliofantasma>

Twitter: <http://twitter.com/juliofantasma>

O MOTOQUEIRO MISTERIOSO

Carlos Eduardo Santini, ou simplesmente Kadu, voltava para a sua sala para assistir a segunda aula do curso de Publicidade e Propaganda. Era aluno do turno da noite, na UNITAU, em Taubaté. Ao passar pela cantina viu um rosto familiar, uma garota da sua turma. Até aí tudo bem, se não fosse pelo fato da garota estar branca feito um copo de leite, chorando baixinho e tremendo da cabeça aos pés. O nome dela era Anelize Maia.

Kadu não tinha a menor intimidade com a garota, mas não teve coragem de deixá-la ali sozinha, naquele estado. Talvez precisasse de alguma ajuda. Aproximou-se dela a uma distância que não a assustasse ainda mais e perguntou:

— Está tudo bem com você? — sua voz quase não saiu direito.

Ela tremia tanto que mal conseguia tomar o copo de água sem derrubar o líquido na mesa de plástico. Ela não o escutou. Ou fingiu que não escutou.

— Aconteceu alguma coisa? — insistiu ele. Agora um pouco mais alto e confiante.

Ela finalmente levantou os olhos na direção dele. Seus lábios tremiam demais. Ela parecia em estado de choque.

— O que você quer? — disse ela, com voz de choro.

— Eu só queria saber se você precisa de alguma coisa.

— Preciso que você me belisque para eu saber que não estou sonhando — sua expressão era tão séria quanto a de um professor em dia de exame final.

— O quê?

Ela estendeu o braço e acenou com a cabeça.

— Vamos, me belisque! — ordenou.

Apesar de achar aquilo meio excêntrico, Kadu deu três passos até ela e deu um beliscão de leve no braço da menina. Anelize usava uma blusa de crochê azul, bem grossa. Após beliscá-la ficou em dúvida se realmente a tocara ou se atingira apenas a blusa.

— Caraca, não estou sonhando — ela parecia meio perdida. Os olhos arregalados. O pensamento distante.

— Você foi assaltada?

— Não.

— Desculpa, não é da minha conta.

Após 6 meses estudando juntos, esta foi a primeira vez que trocaram mais que três palavras.

— Perdão, qual o seu nome mesmo? — disse ela, agora de pé.

— Pode me chamar de Kadu — ele estendeu a mão.

— Anelize — ela o cumprimentou. — Mas prefiro Ane.

— OK. Você está melhor, Ane?

— Não, acho que não. Preciso sair daqui. Não estou com cabeça para assistir às próximas aulas.

Era sexta-feira. Aquilo poderia ser uma cantada? Pensou Kadu. Não, com certeza não era. Garotas como ela não dão em cima de garotos como ele. O rapaz não é feio, mas Ane é uma boneca. Baixinha, coxas grossas, nem gorda nem magra, cabelos lisos, longos e escuros feito petróleo. Sua pele é levemente morena, de um bronzeado natural. Seu olhos castanhos são enigmáticos, apesar de hoje estarem meio tristonhos. O nariz não é fino, mas é pequenino e proporcional ao seu rosto. Os lábios ainda trêmulos são carnudos e Kadu ficou gamado neles.

Como só petisca quem arrisca, ele tentou uma investida.

— Eu também não estou com muita paciência para as aulas hoje. Gostaria de ir a algum lugar? Conheço um barzinho novo ótimo.

— Desculpa, tudo o que eu preciso é de um banho quente e da minha cama. Só quero esquecer esta noite — ela ficou olhando para o vazio, como se estivesse tentando recordar de algo.

— Espero que o final de semana seja bem melhor.

— Obrigada — ela finalmente sorriu. Um sorriso bem tímido, mas sorriu.

Silêncio por alguns instantes. Kadu não conseguia parar de olhar para ela. Sua calça manchada e apertada no corpo era um arraso.

— Bom, até segunda então — cumprimentou-a uma última vez e deu as costas para ela, decepcionado.

— Espere, fique! — ele abriu um sorriso e virou de volta. — Quero dizer, só enquanto eu telefonar para o meu namorado vir me buscar.

O sorriso murchou rapidamente. Kadu não conseguiu esconder a frustração ao ouvir aquilo. Mas afinal de contas, que frustração? Uma garota linda como aquela já era de se esperar que estivesse com alguém.

— Tudo bem, eu fico — sua voz saiu meio desafinada.

— Muito obrigada! — e sacou o celular da bolsa. — Faz tempo que estou tentando falar com ele, mas só dá caixa postal. Justo quando eu mais preciso.

— Hummm, então é por isso que você estava tão chateada?

— Não. Quero dizer, isso também me estressou bastante, mas o motivo real não foi esse. Posso parecer frágil, principalmente hoje, mas não sou daquelas que choram por causa de homem. A fila anda, e eu sempre deixo isso bem claro quando começo um relacionamento. Pisou na bola comigo não tem segunda vez.

— Desculpa, mas você não parece ser assim tão durona.

— Não me provoque — ela sorriu, mas logo em seguida mudou sua expressão, bem irritada. Caixa postal outra vez. — Sei lá, mas isso não está me cheirando bem. Vou ligar para a minha sogra.

Kadu fez uma cara de quem estava interessado, apesar de não estar.

— Está chamando — disse ela, esperançosa. — Alô? Dona Marta? Oi, boa noite, aqui é a Ane, tudo bem com a senhora? Que bom, a senhora sabe se o Well está fazendo hora-extra hoje? Estou ligando para ele faz quase meia hora e nada. O quê? Ele chegou mais cedo? Como assim já saiu com

dois amigos? Saiu pra onde? Disse que ia me buscar em casa para sairmos? Dona Marta, como assim? Eu tenho aula até tarde, ele sabe disso. E não estou com ele, como a senhora pode perceber — seu tom de voz ficando cada vez mais alto e irritado. Kadu começou a se interessar pela conversa. — Não o defenda, Dona Marta! Pelo amor de Deus, a senhora também é mulher, deveria ficar do meu lado. Faça-me o favor, Dona Marta. Quer saber? Tchau! — desligou o aparelho. — Vaca estúpida!

— Calma — disse Kadu, rindo por dentro.

Ela ameaçou jogar o telefone longe, mas no último segundo desistiu.

— Aquele filho da puta! — esbravejou. Depois ficou meio sem graça, e colocou as mãos na frente da boca. — Perdão, saiu sem querer.

— Não tem problema. Faz bem desabafar. Acho que palavrões são capazes de economizarmos horas e horas de terapia. O alívio é imediato.

— Nem tanto assim. Ainda estou me sentindo péssima. Com certeza a pior noite da minha vida. Perseguida por um motoqueiro maluco e agora isso.

Kadu arregalou os olhos.

— Motoqueiro maluco?

— Sim, foi um susto e tanto.

— Onde foi isso, aqui no centro?

— Não, na estrada velha entre Pinda e Taubaté.

— Que foda.

— Fez um bons arranhões no meu pobre carrinho. Coitado, já tão velho e agora todo arranhado.

Sempre cuidei tão bem dele.

— Pelo menos você está bem.

— Ah, sim, claro, apesar de psicologicamente em frangalhos.

— Mas parece que você é durona mesmo, vai superar — ela gostou de ouvir aquilo e sorriu para ele. — Adorei como você encarou a sua sogra.

— Ex-sogra, você quis dizer. E nem me lembre disso. Um trauma por vez.

Kadu soltou uma gargalhada. O namorado já era.

— OK, desculpa.

Eles trocaram olhares por alguns instantes. Sorrindo ela ficava ainda mais linda. E agora estava solteira novamente.

— Sei que você está fragilizada e tal, mas o convite para o barzinho ainda está de pé.

— Olha, se fosse um outro dia eu não recusaria, sério. Mas ...

— Sempre o mas. Odeio estes mas.

— Calma, rapaz, não seja tão melodramático! Hoje eu seria uma péssima companhia. Cerveja nenhuma neste mundo me faria esquecer o que me aconteceu naquela estrada. Foi bizarro demais. Fico arrepiada só de lembrar.

— Nossa, agora você me deixou curioso.

— E vai continuar curioso. Não te conheço direito, portanto não vou lhe dar a oportunidade de sair por aí espalhando para toda a faculdade que a Anelize do 1º ano de Publicidade é uma maluca de pedra.

— Eu jamais faria isso.

— Ah, faria, faria sim. E jogaria no seu Facebook ainda hoje, e da noite para o dia eu viraria a maluca da UNITAU. Não, obrigado. O que eu vi morre comigo, rapaz.

— Você tem dificuldade em chamar os outros pelo nome? Fica me chamando de rapaz.

Ela riu novamente. Dizem que uma garota sorrindo muito para você pode significar duas coisas: ela está na sua ou achou você um total idiota. Kadu está certo de que a primeira opção tem 80 por cento contra 20 da segunda.

Ele é um rapaz bonito, mas como a maioria dos rapazes da sua idade, tem um péssimo gosto para se vestir. Hoje ele está com uma jaqueta jeans velha sobre uma camiseta preta do anti-herói Justicheiro, da Marvel. Calça jeans com um buraco nos joelhos e um par de tênis vermelho que parece ter vindo de uma guerra na Bósnia. Loiro, cabelos estilo Kurt Cobain, barba por fazer, olhos azuis e um nariz

ligeiramente comprido. Não chega a ser muito mais alto que Anelize, apenas uns 10 centímetros acima. Não é gordo, mas não chega a ser malhado quanto o ex de Anelize.

— Desculpa, é um defeito que já tentaram me corrigir. Se você não for acometido da mesma doença, fique à vontade para me chamar de Ane. Só o meu pai me chamava de Anelize.

— E não chama mais por quê?

— Ele faleceu ano passado.

— Nossa, sinto muito.

— Tudo bem.

Silêncio. Kadu se arrependeu amargamente de ter tocado no assunto. Idiota! Idiota! Idiota! Repetiu mentalmente.

— Kadu — disse ela, com ênfase nas duas sílabas —, você mora aqui em Taubaté mesmo?

— Sim, nascido e criado.

— Legal. Desculpa a pergunta, mas ... você vem de carro?

— Sim, apesar de não morar muito longe. Moro na Independência.

— Estou sem graça de te pedir um favor.

— Pode pedir. Se eu puder ajudar.

— Olha, não quero que você se sinta na obrigação de me ajudar. Só responda sim se realmente puder e não for muito incômodo, OK?

— Você quer o meu rim ou algo assim?

— Não, claro que não! — ela caiu na gargalhada. — Mas aceito um pulmão. Você é meio bobo, né?

— Só quando não estou dormindo. Você quer uma carona para ir embora, não é?

Ela assentiu com a cabeça, meio sem graça.

— Não tenho a menor condição de voltar àquela estrada esta noite — explicou.

— Imagino. E nem precisa, eu te levo.

— Sério? Não vou te atrapalhar? Você não tem compromisso para hoje à noite?

— Eu tinha, mas uma mina aí me dispensou.

— Putz, sacanagem.

Ele riu. E piscou para ela.

— Agora caiu a ficha. Eu fui loira por um bom tempo, é isso.

— Vambora! Vou pegar as minhas coisas e levo você para o seu lar doce lar.

— Muito obrigada. Você caiu do céu.

— Tecnicamente você foi salva pela minha bexiga. Eu voltava do banheiro quando te encontrei.

— Lavou as mãos, pelo menos.

— Putz! — e levou a mão à testa. — Brincadeira, é claro que lavei. Já volto, vou só pegar a minha caneta do Mickey. É rapidinho.

Ela balançou a cabeça, rindo baixinho.

Quando ele entrou na sala, meia dúzia de cabeças olharam para ele. Nem o professor percebeu sua presença. Ele correu até os seus pertences e se despediu do amigo Jacques, um gordinho engraçado com bigode à la Freddie Mercury e boné da Adidas.

— Você está de brincadeira, né? — sussurrou Jacques, incrédulo. — É uma baixinha gostosa que senta sempre lá na frente? Se ela senta lá na frente deve ser inteligente. Se é inteligente o que ela quer com você?

— Uma carona — disse, todo orgulhoso. — Está me esperando lá na cantina.

— Vou fingir que acredito. Se você prefere mentir para o seu melhor amigo, você que conviva com isso.

— Se duvida de mim, vem comigo até a cantina. Vou levá-la até Pinda.

— Mas ela tem seu próprio carro. Um Uninho branco, talvez ano 2001 ou 2002. O bicho ronca mais que o meu pai.

Jacques não era brilhante em muitas coisas, muito menos bom aluno, mas saberia dizer qual é o

carro de todos os alunos da sala. Apaixonado por carros desde os primeiros meses de idade, é um mecânico de mão cheia, provavelmente o melhor da cidade. Kadu sempre desconfiou que ele só estava na faculdade para lhe fazer companhia.

— Ela já me disse que tem carro, mas não está se sentindo bem para dirigir. Meu, eu preciso ir, oportunidades assim não caem no meu colo todos os dias.

— Cara, estou quase acreditando em você. Tem certeza que está no curso certo? Você deveria fazer artes cênicas.

— Fui!

— Quebre a perna — E Kadu mostrou aquele dedo do meio para ele. — Significa boa sorte, seu trouxa!

— Então valeu — e saiu em disparada.

Ela estava de costas, pagando a conta no caixa da cantina. Os cabelos, outrora soltos, agora estavam presos com um daqueles pauzinhos que parecem hashi.

— Vamos? — E cutucou a nuca dela.

— Ai que susto!

— Perdão. Vambora?

— Vambora.

Atravessaram todo o corredor em silêncio. Kadu procurava algo para dizer, mas quanto mais tempo ficavam em silêncio, menos palavras ele encontrava. Quando se preparavam para virar à direita, rumo ao estacionamento da faculdade, alguém gritou:

— Oh, vocês dois aí!

Kadu não precisava olhar para trás para saber quem era.

— É o Jacques.

— Quem? Ah, ele também está na nossa sala.

— Sim, mas fazendo o quê eu não sei — E Kadu caiu na gargalhada. — Ele está correndo? Sério, ele está correndo?

— Sim, de um jeito muito estranho, mas está. Por que o espanto?

— Jacques nunca corre. Nunca, nunca mesmo. Como ele diz: é incompatível com o hardware dele.

Com muita dificuldade ele os alcançou. Pediu um segundo para se recuperar, então disse:

— Você ... esqueceu ... isso aqui — e mostrou uma caneta daquelas que as empresas dão de brinde.

— Não é minha — Kadu fez cara de poucos amigos.

— Não? Pensei ... que você ... tinha deixado cair — e olhou para a garota. — Olá, tudo bem? Prazer, meu nome é ...

— Jacques — concluiu ela, estendendo a mão para cumprimentá-lo. — Sou a Ane. Seu nome é francês?

— Sim, minha mãe é francesa. Na verdade ela é mais brasileira do que francesa, pois veio para o Brasil com 7 meses de idade, então ...

— Que chique!

— Bom, agora você já pode ir embora — disse Kadu, impaciente. — E pode ficar com a caneta.

— Sei lá, eu estava quase dormindo na aula. Posso ir pra Pinda também? Tem barzinhos bons lá? — Kadu olhou torto para ele. — Prometo que não vou atrapalhar nada entre vocês dois.

— Mas não há nada entre nós — disse a garota. — É claro que você pode ir.

— Super! Vocês esperam eu comprar um salgadinho na cantina?

Kadu quase voou no pescoço dele.

— Você acabou de passar pela cantina, por que não comprou de uma vez?

— Se eu parasse não teria alcançado vocês. Vocês andam depressa, hein!

Jacques foi correndo até a cantina. Sabia que a paciência do amigo estava curta e não quis arriscar ser deixado para trás. Ele corre mesmo muito engraçado, se alguém filmá-lo e jogar no YouTube

tem tudo para se transformar num viral, até ser substituído por um cavalo que dança Mamolengo.

— Seu amigo é divertido — disse Ane pra passar o tempo.

Divertido o escambau, é um empata-foda — pensou Kadu, mas respondeu apenas:

— Oh, hilário! O novo Leandro Rassum.

Ela riu.

— Pior que lembra um pouco mesmo. Se ele cortar aquele bigodinho ridículo, é claro.

Quando entraram no estacionamento, por força de hábito cada um foi na direção do seu respectivo veículo. Todos riram.

— Podemos ir no meu? — disse ela.

— No seu? — Kadu coçou a cabeça. — Sério? Mas aí como eu faço para voltar?

— Tem ônibus de 20 em 20 minutos. Eu pago.

Kadu ficou parado, sem saber o que responder.

— Já sei o que podemos fazer — intrometeu-se Jacques. — Vocês dois vão no carro dela e eu vou atrás com o meu. Resolvido.

— Perfeito! — ela olhou para Kadu, esperando a reação dele.

— Até que você não é tão burro quanto parece — e sorriu.

— O que seria de vocês se mim, não é? Je sauvé la nuit.

Anelize deu a chave do seu Uno branco para Kadu. A definição de Jacques sobre o carro foi mesmo precisa. O carro parecia uma geladeira com rodas, além de estar cheio de arranhões no lado do motorista.

— Viu só o que aquele filho da mãe fez no meu carrinho?

— Você quis dizer o motoqueiro ou o tempo?

— Seu bobo! — ela deu um soco de leve no braço dele. — Meu carro pode ser velho, mas é meu e está quitado. Tem muita gente que vem pra aula de carro importado, mas não tem como pagar.

— O meu também está quitado — defendeu-se Kadu, abrindo a porta do motorista.

— Não falei de você — ela entrou pelo lado do carona.

Jacques parou com o seu Peugeot 206 azul turquesa ao lado deles, olhou para os arranhões e disse para Ane:

— Caraca, você se envolveu em algum acidente com moto?

Anelize olhou assustada para Kadu, dizendo:

— Nossa, você já contou para ele sobre o motoqueiro?

— Pior que não. Ele manja tudo sobre carros, inclusive marcas, amassados e o que mais você imaginar sobre o assunto. Se bobear ele consegue até dizer qual a marca da moto do maluco.

— Sério? — e olhou para Jacques. — Oh, que tipo de moto faria uns arranhões como estes?

— Eu diria que foi uma Honda 125, ano 1978.

— UAU!

— Estou zoando, mina. Não sou CSI, né?

Ela riu, meio envergonhada.

— Vamos pela Via Dutra, certo? — perguntou Jacques para Kadu.

— Sim — e olhou para o lado do carona. Anelize estava balançando o dedo indicador, fazendo sinal que não. — Não? Não vamos pela Dutra?

— Perdão, esqueci de lhe contar. Eu ... não consigo.

— Você não dirige na Dutra? Não tem problema, sou eu que vou diri ...

— Meu pai morreu lá — ela o interrompeu. — Desde então eu nunca mais cheguei perto daquele lugar, nem dirigindo nem como carona. É foda. Eu simplesmente não consigo. Perdoe-me, podemos ir pela estrada velha? Mesmo depois de tudo o que passei esta noite, ainda prefiro ir por lá.

Os olhos dela já derramavam algumas lágrimas.

— Tudo bem, vamos por onde você quiser — e Kadu fez sinal de negativo para Jacques, depois disse: — Vamos pela estrada velha mesmo.

— Sério? Mas pela Dutra é mais rápi ...

— Vai por lá então, caramba!

— Calma, já entendi. Suave na nave. Estrada velha. Compreendido.

As coisas estavam saindo diferente do que Kadu imaginara, mas pelo menos estavam bem mais divertidas do que as aulas de sexta-feira.

Taubaté e Pindamonhangaba são cidades vizinhas. Em dias normais gastamos menos de vinte minutos para irmos de uma a outra. O problema é que às sextas-feiras os barzinhos e restaurantes de Taubaté bombam, então o trânsito no centro da cidade fica um pouco mais carregado e lento. O ideal seria pegar a Via Dutra, mas nem tudo na vida é como a gente quer.

— Você deve estar me achando uma doida varrida, né? — disse ela, quebrando o silêncio.

— Por quê? Nada a ver. Doida varrida é a mulher da matéria que li ontem na internet — e Kadu começou a rir que não parava mais.

— Nossa, vai me contar ou me matar de curiosidade?

— Ela descobriu que o marido estava saindo com a melhor amiga dela.

— E daí? Ela é corna, não doida.

— Ah, é? Eu ainda não terminei a história. Num belo dia ela se insinuou para o maridão, deixou ele todo excitado na cama, vendou os olhos dele e prometeu uma surpresinha, aí foi até a cozinha e colocou uma panela de água para ferver.

— Caraca, ela não fez o que eu estou pensando.

— Sim, fez. Voltou para o quarto e despejou a panela inteirinha com água fervente sobre o ... você sabe o quê do marido.

— Pinto. Pau. Pênis. Cacete. Bráulio. Bigulim. Piu-Piu. Peru.

— OK, OK, eu já entendi que você entendeu.

— Por que vocês tem tanta dificuldade em dizer a palavra pinto para uma mulher? São cinco letrinhas como outra qualquer.

— As cinco letrinhas do marido dela devem estar doendo até agora.

— Se é que restou alguma letrinha para contar história.

— Verdade, e contar uma história com 1 ou 2 letrinhas é bemmm difícil, hein!

Ambos caíram na gargalhada.

Saíram do centro pela Avenida Marechal Deodoro, passaram pela Casa de Custódia e pegaram a SP-062. Agora não há mais trânsito. Dentro de alguns minutos estarão em Pindamonhangaba, ou simplesmente Pinda. A primeira namorada de Kadu era de lá, portanto o caminho lhe era familiar. A diferença é que na época ele ia de ônibus.

Anelize parecia incomodada, não conseguia parar quieta no banco.

— Tudo bem aí? — perguntou Kadu.

— Eu pensei que ia ficar bem, mas não sei não.

— Quer que eu desvie e vá por Tremembé?

— Não precisa. Vou ficar bem. Só preciso tomar um pouco de ar — e abriu só um pouco a janela, pois lá fora estava muito frio e o vento estava insuportavelmente congelante.

— Aquele motoqueiro filho da mãe não vai querer se meter com o Justiceiro — Kadu estufou o peito, exibindo a caveira branca da sua camisa com orgulho.

— Perdão, não entendi a piada. Já fui loira, lembra?

— Você não conhece o personagem Justiceiro? OK, admito que ele não é dos mais populares. Hoje os heróis da vez são os Vingadores.

— Não sou muito fã de super-heróis. Acho que é um mundo predominantemente masculino.

— Já fizeram diversos filmes com heroínas, mas todos fracassaram. Verdadeiros fiascos.

— Mulher-Gato, né? Eu me lembro. Nada a ver a Halle Berry nesse papel. Michelle Pfeiffer é insubstituível ... gatíssima.

— Nossa, e depois diz que não é fã de super-heróis.

— Não sou fã desse gênero, mas amo cinema.

— Sério? Eu também!

— Minha paixão pelo cinema começou com o Johnny Depp. Aquele cara é demais. Os filmes dele são demais. Tudo nele é ... demais.

— Calma, não precisa babar. Então você curte um coroa, é?

— Como assim? Tá louco da cabeça?

— O Johnny Depp tem mais de 50 anos.

— Ele não pode ter 50 anos.

— Tanto pode como tem. Você é boa de matemática?

— Ahã.

— Johnny Depp tinha 21 anos quando atuou no filme A Hora do Pesadelo, a estreia do grande Freddy Kruegger. Este filme é de 1984. Faça as contas.

— O meu Johnny não atuou em filmecos do Freddy Kruegger. Você está viajando, rapaz.

— Que raio de fã é você? Sim, ele atuou no primeiro e no sexto filme. Manjo tudo de filmes de terror dos anos 80.

— OK então, se você diz. Cinquentão ou não, eu pegava. Adoro Eduardo Mãos de Tesoura, Don Juan DeMarco, Chocolate e A Lenda do ...

— Cavaleiro sem Cabeça — completaram juntos.

Silêncio. Ane ficou inquieta novamente, ela olhava para a estrada como quem olha para uma tela de cinema num filme de suspense. Parecia estar esperando que algo de ruim acontecesse.

— Você está passando mal? — perguntou Kadu, um pouco assustado. — Quer que eu pare o carro?

— Não!!! — ela gritou. — Pelo amor de Deus, não pare este carro por nada neste mundo.

— Calma, eu prometo que aquele motoqueiro filho da mãe não irá lhe incomodar dessa vez. É um covarde desgraçado, só foi atrás de você porque viu que estava sozinha no carro.

As palavras de Kadu não surtiram o menor efeito. Ela estava uma pilha de nervos.

— Você vai me prometer que não vai rir de mim.

— OK. Eu prometo — respondeu Kadu, sério.

— Ainda me pergunto se o que eu vi foi real ou se eu imaginei tudo aquilo. Foi muito rápido, e eu estava apavorada. Posso ter me enganado. Mas eu vi. E estava tão perto, tão perto!

— Assim você me mata. O que você viu?

Ela olhou bem nos olhos dele e disse:

— O desgraçado colou a moto do meu lado e ficou me encarando, de capacete. Entrei em pânico. Nunca senti tanto medo em toda a minha vida.

Kadu colocou sua mão direita sobre a mão esquerda dela. Foi puro instinto. Se tivesse pensado muito não teria tido coragem.

— Quando ele começou a bater no vidro eu quase morri do coração. Acelerei, mas ele continuava colado em mim, me encarando pelo capacete.

— Filho da mãe.

— E ficou pior. De repente ele levantou a viseira do capacete. Aí eu entrei em parafuso.

— Você viu a cara do filho da puta?

Ela exitou por um instante, e respondeu:

— Não. Eu não vi.

— Mas se ele levantou a viseira ...

— Kadu, eu juro por tudo o que é mais sagrado neste mundo, quando ele levantou a viseira ... eu não sei como dizer ... Kadu, não tinha nada além do capacete dele. Nada!

— Como assim nada?

— Não tinha merda nenhuma naquele capacete!

— Espera um pouco, você está me dizendo que o motoqueiro não tinha cabeça?

Ele quase quebrou a promessa que fizera a ela. Queria rir.

— Não me julgue — prosseguiu ela — , não me chame de louca, eu sei que é uma história bem

maluca e parece coisa de filme. Eu sei disso, acha que eu não sei? Eu tento me lembrar exatamente de tudo o que aconteceu naquela hora, para eu mesma me desmentir. Mas não dá, foi isso que eu vi. Não tinha nada. Estava ...vazio.

— Calma, tudo tem uma explicação. Ele poderia estar com uma máscara preta, o que daria a sensação de que o capacete estava vazio por dentro. É normal.

— Foi a primeira coisa que eu pensei quando vi aquilo. Mas não havia máscara alguma, Kadu, eu juro. Quando o capacete se mexeu e mirou para frente a minha teoria foi por água abaixo. Não havia máscara alguma, pois simplesmente não havia uma cabeça sobre aquele corpo. Quando eu falo em voz alta eu pareço ainda mais doida. Vão me internar num hospício, não vão? Kadu, você não pode contar isso para mais ninguém, pelo amor de Deus!

— Calma, é perfeitamente explicável — disse ele, passando a mão na cabeça dela. — Isso se chama estresse. Perdoe-me tocar nesse assunto mais uma vez, mas faz quanto tempo que o seu pai morreu mesmo?

— Ontem completou 11 meses.

— Então, é isso. E se o seu pai morreu na Dutra, provavelmente foi num acidente de carro, certo? — ela assentiu com a cabeça. — Tá explicado, você chegou num nível de estresse tão grande que te fez enxergar coisas. Você não foi a primeira nem será a última a passar por experiências bizarras como essa. Acontecem com frequência.

— Além de publicitário, você é cinéfilo e psicólogo?

Ele riu.

— Minha mãe é psicóloga, então ela me conta algumas histórias. Lógico que ela não cita nomes, seria antiético. Cinéfilo com certeza. E para ser publicitário ainda me faltam muitos semestres.

— Sabe de uma coisa? Acho que você conseguiu me acalmar. E olha que era para eu estar super hiper mega nervosa agora.

— Por quê?

— Porque estamos chegando no trecho onde tudo aconteceu. Foi quando eu passava ao lado do CDP que ele apareceu, do nada.

CDP é o Centro de Detenção Provisória Dr. Félix Nobre de Campos, presídio que recebe presos que aguardam julgamento em regime fechado.

— Bom, os arranhões no seu carro são reais. Isso eu vi.

— O motoqueiro era bem real. Se ele tinha cabeça ou não eu não sei. Você me deixou mais confusa do que eu já estava. Mas o filho da mãe era real. Seu amigo Jacques também concorda que foram arranhões causados por uma moto, lembra?

— Falando nele ... meu celular está tocando. Aposto que é ele. — Kadu puxou o celular do bolso e deu nas mãos da garota. — Odeio dirigir e falar ao celular ao mesmo tempo. Isso me irrita, além de ser totalmente errado.

— Alô? Sim, sou eu. Ah, é? Obrigada.

— Obrigada? O que ele te disse?

Ela colocou a mão sobre o microfone do celular e contou o que ele disse a ela:

— Ele falou que prefere ouvir a minha voz à sua.

— Que idiota. Isso até eu que sou mais besta.

De repente Anelize derrubou o celular. Kadu olhou para ela. Suas mãos tremiam novamente, bem como o restante do seu corpo. Ela estava paralisada de terror.

— Você também ouviu? — sussurrou ela, quase chorando.

— Ouvi o quê?

— O som ... da moto.

No celular caído no assoalho do carro ainda se ouvia a voz de Jacques, gritando:

— Estou ouvindo vocês. Por que não falam comigo? O que houve? Estão se beijando? Acho que estão se beijando.

— É ele outra vez, Kadu! — agora a voz dela parecia desesperada. — Ele voltou, é o maldito motoqueiro outra vez!

Eles estavam passando ao lado do CDP. Jacques vinha lá atrás, a uns 20 metros de distância. O único som que Kadu ouvia naquele momento era o ronco barulhento do motor decadente do Uno.

— Não ouço moto nenhuma — disse ele, tentando tranquilizá-la.

— Será que estou ficando louca? Escuta, Kadu, escuta! — ela ficou de joelhos no banco, olhando para trás. — Ele está vindo, eu sei que está nos perseguindo! É ele!

— Mas não tem nada ...

Não deu tempo de Kadu terminar a frase e uma moto preta passou zunindo do seu lado. O barulho do escapamento foi tão alto que ele tomou um susto e quase perdeu o controle do carro. Anelize deu um grito. Estava chorando, com as mãos sobre os ouvidos.

— Mas o que foi aquilo? — gritou Kadu, assustado. — Não tinha mais ninguém atrás da gente além do Jacques. Eu estava acompanhando pelo retrovisor. De onde ele surgiu?

Kadu acendeu o farol de milha. Lá estava ele: o motoqueiro misterioso. Vestia uma blusa de moletom vinho, surrada, com respingos de barro. Calça jeans toda desbotada e botas de couro. O capacete era preto, parecia ser de um modelo bem antigo, assim como a moto parecia ter saído de um museu, enferrujada e sem emplacamento.

— É ele, Kadu! É ele! — Anelize não conseguia ficar parada no banco.

— Se ele vier pra cima da gente eu jogo ele para fora da estrada. Simples assim.

E foi isso que o motoqueiro fez. Reduziu a velocidade até ficar lado a lado com o Uno. Kadu acelerou o máximo que pôde, o que não foi muito, pois o carro da garota é um caco velho. Quando chegaram a 100 km/h o carro quase desmontou, literalmente. Se continuarem a esta velocidade por mais tempo o motor vai para o saco.

O motoqueiro ficou do lado do carona e começou a bater com a mão na janela. No começo pareciam batidas fracas, como se estivesse apenas pedindo para que eles abajassem o vidro. Mas depois foram ficando cada vez mais violentas. Ele estava tentando quebrar o vidro.

— Kadu, faz alguma coisa! Joga o carro pra cima dele, manda ele pro matto!

Ela não precisou pedir mais de uma vez. Virou o volante para a direita, forçando o motoqueiro a atravessar um bom trecho de matto, até desaparecer. Dentro do carro eles tentaram localizá-lo pelos retrovisores. Nem sinal dele. Só conseguiram enxergar Jacques no seu Peugeot.

— Pra onde ele foi? — repetia Kadu, muito assustado. Seu coração batia como se tentasse sair do peito.

— Sumiu, não estou vendo! Também não escuto mais o barulho da moto.

— Será que ele caiu e não vimos? Faz o seguinte, pega o celular e pede para o Jacques nos ajudar — disse, quase gritando. — O carro dele anda mais. O que ele está fazendo tão lá atrás? Pergunta se ele viu o que aconteceu com o filho da puta.

As mãos da garota tremiam e ela apanhou do celular para fazer a ligação. Mas enfim conseguiu. Jacques atendeu.

— Ajuda a gente, pelo amor de Deus! — implorou Anelize. — Você viu pra onde o motoqueiro foi? O quê? Como assim que motoqueiro? Está cego?

— O que foi que ele disse?

— Ele mandou nós pararmos com a palhaçada e procurarmos um barzinho para tomarmos uma gelada.

E o motoqueiro reapareceu, agora do lado do motorista.

— Filho da mãe, de onde ele vem?

— Jacques — gritou Anelize para o aparelho celular, quase como se estivesse falando pessoalmente com ele — , agora você está vendo o filho da mãe ou quer que eu desenhe? — E desligou o aparelho com raiva.

Kadu tirou o cinto de segurança num gesto rápido e olhou para Anelize, dizendo:

— Vou fazer uma loucura — e desceu o vidro rapidamente pela manivela. Uma rajada de um vento congelante acertou em cheio os seus rostos.

— O que você vai fa ...?

Kadu abriu a porta do carro e a empurrou com toda a força para cima do motoqueiro, que

perdeu um pouco do equilíbrio, mas não caiu.

— Filho da puta! — xingou Kadu, puxando a porta de volta.

— Cuidado! — gritou Anelize, apontando para o motoqueiro.

Aproveitando-se do vidro aberto, o motoqueiro enfiou sua mão direita dentro do carro e grudou no pescoço de Kadu. A mão dele era tão branca que parecia usar luvas de cirurgião. Kadu tentou afastar o braço do agressor, mas o outro era mais forte. Anelize tentou ajudá-lo, mas também não conseguiu mover 1 centímetro a mão esbranquiçada do motoqueiro. O cheiro dele era terrível, parecia ter saído de um esgoto ou algo pior.

— O que quer de nós? — gritou ela, desesperada.

O motoqueiro nem se mexeu, continuou com a mão no pescoço do estudante de Publicidade. A velocidade do Uno caía e estava quase parando. Incrível como a estrada estava movimentada naquele trecho. Um ônibus acabara de passar no sentido contrário. Carros iam e vinham normalmente, mas ninguém reduzia a velocidade para ver o que estava acontecendo.

— Jacques — disse Ane em voz alta — , por favor me ajuda! — e olhou para trás, procurando o carro dele. De repente ela avistou sua sombrinha no banco de trás. Esticou-se toda por entre os bancos e agarrou o objeto pontiagudo. Sem pensar ela desferiu um golpe certo no capacete do motoqueiro, como se fosse uma baioneta.

O que aconteceu a seguir ficaria na memória dela para o resto de sua vida. O capacete voou longe, caindo na estrada. O motoqueiro, sem a cabeça, continuou apertando o pescoço de Kadu.

Anelize vomitou todo o almoço e o café da tarde ao ver aquilo. Estresse o escambau. Mas não dava tempo para pensar em mais nada, seu companheiro de turma precisava dela, estava sufocando e prestes a perder a consciência — ou a vida! — Ane agarrou a sombrinha com todas as forças que ainda lhe restavam e desferiu diversos golpes no braço do motoqueiro sem cabeça. Golpeou uma, duas, três, quatro ... a sombrinha entrava cada vez mais fundo no braço dele, rasgando uma carne que parecia podre. Mas somente no décimo segundo golpe o motoqueiro finalmente largou o pescoço do rapaz. Em seguida perdeu o equilíbrio da moto e caiu na estrada, rolando umas três vezes.

Kadu estava zozinho, o rosto vermelho, o coração acelerado, as mãos trêmulas. O carro foi parando aos poucos, até que Ane pegou no volante e o conduziu até o acostamento. Jacques parou logo atrás deles.

— Kadu, fala comigo, você está bem? Consegue respirar bem?

Ele fez que sim com a cabeça e fez um jôia com a mão direita. Jacques apareceu na janela e quase matou a garota de susto.

— Obrigada pela ajuda, viu? — ironizou ela, irritadíssima.

— Mas o que houve? — disse Jacques, assustado. — Está passando mal, brother?

— Cara — sussurrou Kadu, quase sem voz. — , por que não ajudou a gente?

— Ajudar como? Do que vocês estão falando? — e olhou para Anelize. — A outra me liga desesperada, dizendo que tinha um motoqueiro atrás de vocês.

— Ora, e não tinha? — ela queria voar no pescoço do gordinho. — Quem você acha que fez isso com ele? — apontou para o Kadu, que passava as mãos no pescoço vermelho e todo machucado.

— Eu não vi motoqueiro nenhum, gente! Ainda não entendi qual é a pegadinha.

— Pegadinha? — Anelize olhou para a estrada atrás deles, ainda era possível ver o corpo do motoqueiro caído no meio da estrada, e a moto uns seis metros mais pra frente. — Lá! — ela apontou. — Se não tinha motoqueiro nenhum, então o que é aquilo?

Jacques ficou olhando na direção que ela apontou, sem entender nada.

— Estrada, estrada, mato e mais mato. Não estou vendo motoqueiro nenhum — e voltou o olhar para dentro do carro. — Vou perguntar de uma forma bem elegante: vocês fumaram algum baseado?

— Não fumamos nada — a voz de Kadu estava melhorando, mas ainda falava com dificuldade. Anelize saiu do carro, irritada com o que Jacques falou. Foi tirar satisfação com ele.

— Você me chamou de maconheira?

— Se este lance do motoqueiro não for zoeira de vocês, então só pode ser maconha.

— Como é possível você não ... — ela olhou na direção do motoqueiro. Dessa vez não viu nada. Nem sinal do motoqueiro ou da moto. — Caramba, cadê ele? Ele estava lá!

Kadu ficou de joelhos sobre o banco e olhou para a estrada atrás deles. E disse:

— Eu estou vendo. Puta que pariu!!! O que é aquilo? Cadê a cabeça do filho da puta? Ane, você arrancou a cabeça dele com uma sombrinha?

— Não, é claro que não. Ele já estava sem cabeça quando nos atacou. Mas você está vendo ele? — disse ela, apertando os olhos e olhando para a estrada novamente — Eu não estou vendo mais nada, ele sumiu! Não entendo.

— Ane, ele está se levantando! Mas ... mas ... como pode aquilo? Ele não tem a porra da cabeça e está se levantando! Não é possível.

— Vocês são péssimos atores — disse Jacques. — Não conseguiram me assustar nem um pouquinho ...

— Ane, é sério, vamos embora desse lugar! Ele está indo na direção da moto! Mas, meu Deus, como é possível aquilo? Ele não tem cabeça! Ele não tem a porra da cabeça!

Anelize voltou para o carro correndo. Fechou a porta e olhou para trás. Agora ela conseguiu ver tudo outra vez. O motoqueiro estava lá novamente, caminhando lentamente até a moto.

— Vocês fumaram unzinho sim — disse Jacques. — Sobrou algum aí?

— Só por curiosidade, troque de lugar comigo só um segundo — disse Kadu para o amigo, saindo do carro. Jacques assumiu o seu lugar. — Que estranho, não há mais nada lá! — disse Kadu, olhando na direção do motoqueiro sem cabeça. — Jacques, olhe para a estrada, lá atrás. O que você vê?

O gordinho pirou ao ver o motoqueiro sem cabeça andando no meio da estrada.

— Caaaaaaaaaaaaaaaaaah! Mas que porra é aquilo? Como é que ...?

— Quem fumou unzinho agora, hein! — disse Anelize bem pertinho do ouvido dele.

— Tem alguma pegadinha nestes vidros, né? Como vocês conseguiram fazer isso?

— Como nós conseguimos? — disse Kadu. — Ainda acha que é uma pegadinha, cacete?

Saiam imediatamente desse carro, os dois!

— É pra já! — disse Jacques. E olhou para Anelize: — Seu carro é do mal, mina.

— Nisso eu concordo contigo — disse ela.

— Vamos todos para o carro do Jacques, rápido!

Correram todos e entraram no Peugeot. Jacques ao volante, Kadu ao seu lado e Ane no banco de trás. Os corações de todos eles batendo forte e a adrenalina a mil. Os três olhavam para a estrada, onde deveria estar o motoqueiro sem cabeça. Mal conseguiam respirar, tamanha era a tensão, até que Kadu soltou:

— Alguém está conseguindo ver aquele filho da mãe?

Todos se olharam.

— Não — responderam praticamente juntos.

O silêncio que veio depois disso foi épico. Quase dava para ouvir as batidas do coração dos três naquele carro. Agora foi a vez de Ane quebrar este silêncio, dizendo:

— Não entro mais naquele carro nem por um caralho.

— Você vai largá-lo aqui? — disse Jacques.

— Quer pra você?

E abandonaram o Uno branco no acostamento. Ninguém nunca mais voltou a vê-lo.

Com o Peugeot o percurso até Pindamonhangaba foi suave na nave, como diria Jacques. Nada de motoqueiro sem cabeça. E por incrível que pareça, até chegarem ao centro da cidade ninguém abriu a boca. Estavam tão assustados com tudo aquilo que não sabiam o que dizer uns aos outros.

Só quando Jacques não sabia mais para onde dirigir foi que ele disse:

— Perdão, mas ninguém vai embora sem tomar uma bem gelada comigo!

Anelize sorriu, suspirou, depois disse:

— Acho que nós merecemos.

— Com certeza — disse Kadu, olhando para ela pelo retrovisor central.

— Vambora!

Pararam no primeiro boteco que encontraram e pediram uma porção de fritas com queijo e uma cerveja bem gelada — apesar da noite fria. — Tentaram falar o mínimo possível sobre aquela experiência bizarra que tiveram. Concordaram em guardar segredo sobre aquela noite. E quem acreditaria neles, afinal?

Kadu e Anelize estiveram próximos de um beijo por diversas vezes naquela noite, mas acabou não rolando. Não ali. A noite não estava propícia para romance. Jacques não largou do celular o tempo todo — o que a gente mais vê em barzinhos hoje em dia.

— Achei! — gritou ele, de repente, assustando até um casal que acabara de ajeitar na mesa ao lado. — Vocês não vão acreditar. Caraca, é ele!

— Ele quem? — resmungou Kadu, pegando a última batata, gelada e nojenta.

— Não é quem. É o quê: o Uno da Ane.

A garota puxou o celular das mãos dele.

— Nossa, estava novinho — disse ela, aproximando o aparelho dos olhos. — De quando é essa foto?

— Você não vai acreditar — disse Jacques para ela. — Joguei a placa do seu carro no Google e encontrei uma matéria policial. Adivinham a data? 2 de junho de 2005.

— Putz, 10 anos exatos — disse Kadu, agora encarando as folhas murchas de alface na travessa da porção de fritas.

— Você não vai comer isso, vai? — disse Ane, com nojo. E voltou sua atenção para o celular novamente. Leu a reportagem todinha, a maior parte do tempo boquiaberta, pasma. A garota nem piscava, parecia estar lendo o final de um romance de Agatha Christie.

— Olha isso — ela passou o celular para as mãos do Kadu.

Tinha uma foto no celular. Um corpo caído na estrada e uma folha de jornal jogada sobre o lugar onde deveria estar a cabeça. Mesmo com o jornal cobrindo, dava para perceber que faltava a cabeça.

— Reparou na roupa do morto? — disse Anelize, erguendo a sobrancelha.

— Sim, é ele — afirmou Kadu. — É o nosso motoqueiro filho da mãe.

— Ele estava fugindo do CDP — completou Jacques. — Tá na reportagem.

— Xandão, mais conhecido como O Albino — disse Anelize, lendo pelo celular. — Ele tinha um plano de fuga. O irmão dele escondeu grana, roupas e uma moto num matagal no acostamento da SP-062. Ele trocou de roupa, subiu na moto, pegou a estrada e o plano teria sido perfeito, se não fosse por um ônibus que surgiu na sua frente. Albino caiu da moto e ...

— Seu carro passou por cima da cabeça dele — disse Jacques, fazendo um barulho engraçado com a boca no final. — E somente por cima da cabeça. O resto do corpo sobrou inteirinho, intacto.

— Bizarro. Mas não precisa ficar com peninha dele. Albino estava sendo julgado pelo estupro de 7 mulheres e assassinato de outras duas.

— Gente finíssima!

Ficaram se encarando por alguns segundos, em silêncio, até que Kadu falou:

— Será que foi certo deixar o carro lá? Digo, alguém vai querer ficar com ele.

— E nós sabemos muito bem o que pode acontecer — disse Anelize, pensativa. — Eu deveria ter botado fogo nele, não acham?

Coincidência ou não, neste momento passou um caminhão dos bombeiros e uma viatura da polícia a toda velocidade, com suas respectivas sirenes ligadas. Iam sentido Taubaté.

— Acho que alguém acabou de fazer isso por você — disse Kadu.

— Nunca mais compro carro em leilão — disse Ane.

— Ele era do mal — disse Jacques.

FIM

Autor: Julio Cesar Bianchi Furtado (Julio Fantasma)

Mais Contos: <http://www.juliofantasma.com.br/contos-de-terror/>

Facebook: <http://facebook.com/juliofantasma>

Twitter: <http://twitter.com/juliofantasma>

Outros contos do mesmo autor:

A Menina, o Monge e o Demônio

Libertando as Almas

O Quarto 27

Goonie

A Barbearia

João Tamoio

O Poço

Padre Elijah

O Diário de Renata

O Colecionador

O Negrinho da Feira

Sete Batidas no Portão do Cemitério

A Punição

O Velho 486

A Casa que Ninguém Queria

O Trem

Sônia

Cristiana

Ana Paula

Olhos Vermelhos

A Festa

Viagem Noturna

A Dama das Orquídeas

Para ler os contos acima, acesse:

<http://www.juliofantasma.com.br/contos-de-terror/>